

D. JOÃO E A MÁSCARA :: UMA FÁBULA TRÁGICA

DE ANTÓNIO PATRÍCIO:

OCEANO (versos) esgotado.

O FIM (História dramática em dois quadros).

SERÃO INQUIETO (contos).

PEDRO O CRU (drama em quatro actos).

DINIS E ISABEL (Conto de Primavera).

D. JOÃO E A MÁSCARA (Uma Fábula Trágica).

A seguir :

PEDRO O CRU (drama em quatro actos, segunda edição)

THEODORA (O Sonho duma Noite de Bizâncio).

O REI DE SEMPRE (Tragédia Nossa).

POEMAS.

ANTÔNIO PATRÍCIO



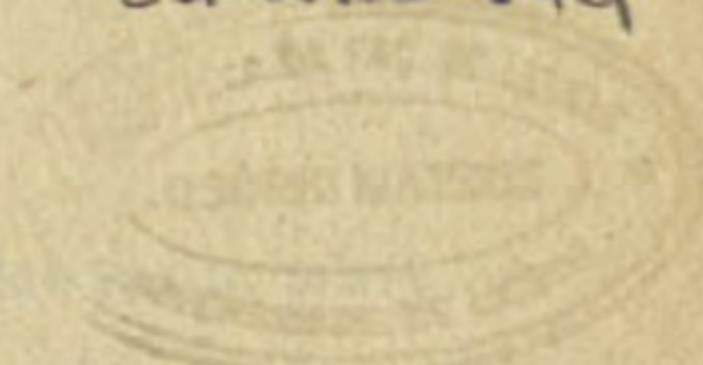
D. JOÃO E A MÁSCARA :: UMA FÁBULA TRÁGICA

ANTÓNIO PATRÍCIO

• •

D. JOÃO E A MÁSCARA :: UMA FÁBULA TRÁGICA

университет



• • •

LISBOA
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75

AO EMILIO

D. João, para mim . . .

D. João, para mim, é o instintivo religioso, o amoral místico, o estranho irmão de Madalena e Kundry.

Como êle diz na minha fábula ao Conviva de Pedra: *um possesso de eterno*. Esta grande figura, do potencial trágico mais alto, tem sido interpretada muitas vezes; e no complexo do seu galbo heróico, tão rico de significação e de patético, é — supponho eu — inesgotável. Tentaram julgá-la, até puni-la. Eu por mim, mais simplesmente, tive de a dizer porque a amei e o meu amor quis exprimir-se em scenas.

A obra de arte, diz não sei onde Oscar Wilde, é o milagre pagão; e como os de Cristo, como todos, — um milagre de amor.

Moral de poetas é a moral das mães: um filho não é nunca criminoso.

A minha maneira de interpretar, melhor dizendo, de viver esta lenda (que é, com a de Fausto, a que maior número de poetas fascinou) está, em espírito, de acôrdo com a verdade histórica, pois que Miguel Marañá, o pretexto real de D. João, morreu em Sevilha no convento de *La Caridad*,

em cheiro de santidade. Desta vez, por excepção, a *história* é superior à lenda.

Que vi eu, em resumo, agora que reli a minha fábula? — Como o instinto, que a idea da Morte magnetizou, vai para Deus.

O sentido da morte é o instinto de viver feito consciência: sem elle, não há vida interior. Vive-se sem viver: morre-se sem morrer: no fundo é o mesmo. Vem tarde, quando vem, porque nada há mais raro que viver. Começa nesse instante a minha fábula, quando D. João e a Morte pela primeira vez vão encontrar-se. No primeiro acto, depois dum baile de máscaras no outono, a Morte, para D. João, é uma *maja* trágica, Goyesca; respira-a a cada instante como a Bem-Amada omnipresente, a *Beatriz única* de Antero; no último quadro enfim, como para o Pobre de Assis, é Soror Morte. Assim tentei fixar, reduzindo ao mínimo a anedota, o que há de essencial no seu destino.

Morrer, diz a Antologia grega, é ser iniciado. Mas para a sensibilidade moderna, que séculos de cristianismo hiperestesiaram, morrer é sentirmo-nos morrer a cada instante, olharmo-nos no supremo espelho em que não há possível narcisismo: a Morte. A iniciação começa *dêste lado*.

Vamos na vida, como o cavaleiro de Dürer,

entre o Diabo e a Morte. Só se vive na consciência, e a consciência só apreende morte. Quer isto dizer que toda a vida consciente é vida morta? Não, de certo: mas lento e lento, um naufragar contínuo, naufrágio de marujo-poeta, em que se prolongam sempre os horizontes. Sabia-o bem Antero, que o sentido da vida é o sentido da morte. E os que, como nós, rezavam os *Sonetos* no colégio, souberam-no de cor, como os simples dizem orações, bem antes de em desespero o aprenderem. Quanto ao Diabo, o outro camarada da gravura, esse, como eu o vejo, é a ausência de lei, a aritmia: o contingente, o acaso, o accidental.

Nothing can we call our own but death. Bem nossa, só a Morte. Esta frase de Shakespeare ressoa em nós indefinidamente, como certos acordes de Bach e de Beethoven. Ouvia-a sempre em mim, através das palavras desta fábula.

Pensar é tatear morte, palpar morte. Já o adivinho Platão o revelara. *É um mistério para todos*, diz no Phédon: *aquele que à filosofia se consagra, a nada mais aspira que a preparar-se para a morte, que a morrer.* Reduz-se assim a vida, a uma espécie de Gethesemani, horto nocturno, que poucos podem suportar e cultivar.

... Está um sol de Páscoa que entontece. No

FABULÆ PERSONÆ:

D. JOÃO.

A MORTE.

LEPORELLO.

O CONVIVA DE PEDRA.

D. ELVIRA.

HELENA COELI.

O DUQUE DE SILVARES.

A MARQUESA DE ALDOVAN.

CARLOS DE ALDOVAN.

OCTÁVIO, noivo de D. Ana.

D. ANA, filha do Comendador.

O IRMÃO DE D. ELVIRA.

O ABADE DO CONVENTO DE *LA CARIDAD*, ETC.

EM SEVILHA.

ACTO I

O palácio de D. João. Sala da ceia na desordem febril dum fim de baile. O tecto em caixões, artesoado: tapeçarias de caça nas paredes. À direita e à esquerda, portas interiores. Nos bufetes, um caos de cristais e argentarias. Vinhos raros opalescem, irisam-se de reflexos como jóias, em vidros de caule alto, veinulados. Ao centro, no lustre de Veneza, já poucas velas ardem. Os candela-bros dos bufetes consumiram-se entre pétalas de rosas.

Húmida, a manhã de outono vai descerrando devagar as pálpebras. Duas janelas, ao fundo, deixam ver folhagens ruivas: ao meio, alguns degraus descem à alameda senhorial, beijada de outono, prolongando-se até à porta chapeada de ferro, solene e alta, armoriada.

Nos intervalos dos troncos, há trechos de jardim adormecido, um jardim andaluz de arquitectura verde.

Perto da entrada, ao fundo, conversam
Leporello e D. Elvira.

LEPORELLO, baixo.

Tende paciência. Ficais ainda algum tempo no jardim. Vou sondá-lo primeiro.

D. ELVIRA

Onde quereis que me esconda?

LEPORELLO

Muito perto daqui. (Apontando) Atrás da estufa. Já todos se deitaram nesta casa. Há quási uma hora que acabou o baile. (Olha à direita. Escuta.) Ainda lá está. Ficou só no salão, mas vem já aí. (Empurrando-a levemente) Quis que eu abrisse todas as janelas. «Antes o cheiro a névoa que o da carne.» Foi assim que me disse. (Ri.) *Fêz-me rir.* Não quer o cheiro a carne esta manhã.

D. ELVIRA

Logo que eu possa entrar, vindes chamar-me.

LEPORELLO

Ficai certa. A noiva do meu amo ordena sempre . . .

D. ELVIRA

Não me esqueço de vós.

LEPORELLO

Vou farejar-lhe o humor. E um catavento. (Como se ouvisse passos) Ide. É ele...

D. Elvira sai. Desce os degraus, desaparece à esquerda. Instantes depois, D. João entra. É alto e magro, musculado, um animal de sedução e presa. Nos gestos, no andar, em todo o corpo, qualquer coisa de felino, de onduloso. A cabeça, de tinta aciganada, tem insolência clínica e fadiga, uma tensão de vida tão aguda, que é quasi dolorosa, inquietante. No impudor da boca, do olhar, uma mobilidade que perturba, por excesso de expressão, de intensidade. Traz um gibão de púrpura, golpeado, espada damasquinada, muito longa, e na mão direita, com anéis, uma máscara breve de veludo.

D. JOÃO, com um bocejo, lento.

Que te pareceu, Leporello? Mente um pouco.

LEPORELLO

Magnífico, meu senhor. Um grande baile. Como só vós...

D. JOÃO, interrompendo.

Uma mascarada de outono, é o que foi. Parecia que se dançava em fôlhas sêcas. (Apontando o bufete) Xerez.

LEPORELLO, servindo-o.

Há uma friagem, meu senhor. Está frio. Choveu de noite. Fecho?

D. JOÃO

Deixa ficar assim. Ar. Quero ar. (Depois de beber) Faz-me bem a humidade. (Espreguiçando-se) Cheira a terra.

LEPORELLO

Descansar, é o que é preciso. Temos tempo de cheirar a terra. Temos tempo demais.

D. JOÃO

Não sinto sombra de fadiga. Tenho tédio. Faz-me bem a madrugada humida. Deitaram-se todos, como eu disse?

LEPORELLO

Só se houver, escondida, alguma máscara. O resto, tudo dorme. As paredes estão em pé só de vos verem.

D. JOÃO, deitando ao chão a máscara.

Uma máscara escondida, dizes tu...

LEPORELLO

Quem sabe, meu senhor, quem sabe...

D. JOÃO

Há sempre alguém escondido nesta casa. E és tu que lucras, Leporello. São os teus honorários. Também, há algum tempo, são os únicos.

LEPORELLO

Se há alguém escondido, é alguém que vos quer. E bem sabeis que tendes inimigos. E poderosos, meu senhor, e ricos...

D. JOÃO

Não me vendeste ainda. Graças, graças. Hás-de ficar no pedestal da minha estátua. E por estátua . . . A do Comendador, já foste vê-la ?

LEPORELLO

Sevilha tôda tem ido admirá-la ao cemitério.
(Mais baixo) Só nós não vamos . . .

D. JOÃO

Porquê? Não te interessa a estatuária . . .

LEPORELLO

Porquê! ? . . . Ora porquê . . . Não fui eu que o matei, mas mesmo assim não me apetece nada visitá-lo.

D. JOÃO

É uma questão de etiqueta. Temos de ir.

LEPORELLO

Eu não. De tantos duelos que o meu amo teve, nenhum me fêz medo como aquele. Muitas noites, ao deitar-me, vejo-o. Na areia do jardim, ao cair morto, já parecia de mármore. . .

D. JOÃO

Razão de mais. Temos de ir visitá-lo um destes dias.

LEPORELLO

Ontem de tarde vi a filha e o noivo. Passaram em frente do palácio, sem olhar. Sevilha tôda sabe o que juraram.

D. JOÃO, sorvendo um gole, lento.

Que juraram então D. Ana e Octávio?

LEPORELLO

Andar de luto rigoroso sempre, viver para a vingança noite e dia; e quando eu não tiver amo, então, — as bodas. . .

D. JOÃO

Por isso os convidei. Mas só dancei com ela duas vezes.

LEPORELLO

O quê, meu senhor!... Estiveram cá?

D. JOÃO

Foram dos últimos a partir. (Com um riso sêco)
Já vês que me não querem mal...

LEPORELLO

Cuidado, meu senhor. É perigoso jogar com o destino.

D. JOÃO, tocando a espada levemente.

Tenho sempre razão... É fatigante. — A máscara escondida? quem é ela?...

LEPORELLO

Não podeis adivinhar?

D. JOÃO

Tudo previsto, Leporello. É a que eu posso adivinhar? Onde a meteste?...

LEPORELLO

Ao ar livre, meu senhor. Atrás da estufa. Um sinal meu e vem.

D. JOÃO

Faze o sinal, faze o sinal depressa. Não vá enrouquecer antes da scena.

Leporello sai. Está na alameda. Acena duas vezes para a esquerda. Instantes depois, D. Elvira aparece. Entram na sala.

D. JOÃO, indo-lhe ao encontro,
cerimonioso e irónico.

Só agora soube... Perdoai. (Beijando-lhe a mão)
Bemvinda a qualquer hora, a qualquer hora...

D. ELVIRA

Bem sei, bem sei que não são horas. Foi mais forte do que eu. Tive de vir.

D. JOÃO

Bemvinda sempre. Não há protocolo para vós. Um privilégio que só tem a Morte...

D. ELVIRA

Se continuais nesse tom, não digo nada.

D. JOÃO

Ides dizer. Tenho a certeza. — O que vos traz assim, de madrugada, pisando a lama com chapins de seda, no meu jardim de arquitectura verde?...

D. ELVIRA

O risco que correis. Tremo por vós. Não posso respirar. Quero-vos... quero-vos...

D. JOÃO

Já não consegue distrair-me o risco. Creio que estou enfêrmo. . .

D. ELVIRA

Enlouqueceis. Dar um baile de máscaras no outono. . . É um capricho de louco.

D. JOÃO

E aborreci-me, aborreci-me, aborreci-me. Havia teias de aranha na minha alma. De comêço pensei: vou divertir-me. Esta idea de ter em minha casa, ter num baile de máscaras, convidados, — convidados por mim galantemente — a fina flôr dos inimigos íntimos, e irreconhecíveis, disfarçados, enquanto eu só trazia meia-máscara, pareceu-me saborosa, fascinante. Qualquer coisa ia nascer dali. Afiava os meus nervos com requinte. E afinal — imenso tédio, tédio. Parecia que se dançava em fôlhas sêcas. Nem, por esmola, um instantinho de terror, um só.

D. ELVIRA

Não podeis continuar assim. Quem sabe onde vos leva essa vertigem. É forçoso mudar.

D. JOÃO, depois de um silêncio

É bem preciso. Qualquer coisa de novo... qualquer coisa. Qualquer coisa ou Alguém... Não posso mais.

D. ELVIRA

Sei que querem comprar a vossa gente. A não ser Leporello...

D. JOÃO

Resta-me Leporello. É a lealdade. Creio que dorme. Adormeceu em pé...

D. ELVIRA

Se eu pudesse por vós alguma coisa... Faria tudo, tudo. Deus bem sabe.

D. JOÃO, numa galanteria involuntária.

Bem sabeis que podeis. Só vós, só vós. Quando vos soube no jardim, o que eu senti! . . . Quis chamar-vos logo. Recordei-me . . . (Tocando-a) Não tendes frio? Quereis beber um pouco? . . .

D. ELVIRA

Estou sempre bem ao pé de ti. Bem sabes.

D. JOÃO

Tens lama nos chapins. Pobres pés frios . . . As minhas mãos já foram dignas de calçá-los . . .

D. ELVIRA

A tua voz aquece-mos: verás . . .

D. JOÃO, mirando-a tóda.

Os meus olhos não se cansam de beber-te. É um cordial para mim a tua graça. E quando penso como tu vieste, que andaste a pisar lama e fôlhas

sêcas, sob as ogivas verdes, fria, fria... Queria anichar-te tôda na minha alma, ter-te em mim como num berço, tôda...

D. ELVIRA

Se êles soubessem como tu és bom, os que te querem mal...

D. JOÃO

Queria sê-lo por ti, e hei-de sê-lo. Vai ser o meu convento o teu amor. Dás-me os teus olhos como Livro de Horas...

D. ELVIRA

É a ti que vais rezar. Estás sempre nêles.

D. JOÃO

Quero esconder-me em ti. Nada me importa. Dás febre e apaziguas. Ninguém mais. Beijar-te, meu amor, quero beijar-te: beijar com devoção os

teus pés frios . . . Quero beijar-te os pés, mas sempre, sempre: até ser digno de beijar-te os seios, de os beijar outra vez . . . Lembras-te? . . . Lembras-te? . . .

D. ELVIRA

Lembram-se sempre . . . Pensam sempre em ti . . .

D. JOÃO

Só os teus seios? só? . . . — Quero-te tóda. E são só êles a lembrar-me em ti . . . E há mundos em ti que me esqueceram . . . Não te quero assim, já não te quero . . . Os teus joelhos brancos, sem memória? . . . Já se esqueceram dos meus beijos? . . . Dize. E as fossetas que eu enchi de beijos? . . .

D. ELVIRA

Dobram p'ra ti os meus joelhos . . . Sentes?

D. JOÃO

Não é verdade. Vergam de fadiga. Nunca mais ardes nos meus braços . . . Sei-o. Arrefeceu-te a

madrugada. Pobre... — É ainda o mesmo o teu perfume? Sabe ainda a nardo a tua pele?... E a tua nuca? Nunca mais a sorvo...

D. ELVIRA

A tua voz tem beijos. Está a beber-ma...

D. JOÃO

Sinto-te em mim, como o sabor dum fruto ainda na árvore. Só te quero enlaçar daqui a instantes... (Com um bocejo) Mas não, mas não. Vou-me deitar na lama: vou-me deitar na lama do jardim, do meu jardim de arquitectura verde... Sei-o de cor, o galbo dessas ancas. Ainda se lembram dos meus braços? Dize... Vou-me deitar na lama do jardim. Não me fales de ti. Antes a lama...

D. ELVIRA

Quereis-me fazer chorar...

D. JOÃO

Não, não. Está húmido. Pode fazer-me mal. Bebi Xerez; e se tiver de te beber as lágrimas, adeus sabor de vinha ao sol e amêndoa... Não queres então deitar-te como eu? Atrás da estufa, ao pé da taça, — queres?... Cheira à gangrena lírica do outono. É bom, de bruços, sobre fôlhas sêcas...

D. ELVIRA

Esqueceis quem eu sou. (Mais baixo) A tua noiva...

D. JOÃO

Ou vai matar-me o teu irmão. Sabia. Ou noivo ou condenado: tu distingues? Olhos subtis os teus, minha adorada...

D. ELVIRA

Não sejas mau. Vem dar-me um beijo. Adoro-te...

JUDAS

A AQUILINO RIBEIRO

Não digo isto de todos vós: eu sei os que tenho escolhido; mas para que se cumpra a Escritura: O que comia o pão comigo, levantou contra mim o calcanhar.

Na verdade, na verdade vos digo, que um de vós me há-de entregar.

S. João — Cap. XIII.

É à bóca da noite. Um figueiral. Vem da terra sedenta um bafo morno, como um hálito de febre, que perturba. Nascem estrélas, tão longinquas, que ainda é maior o desamparo à roda. Judas Iskarioth, sem ruído, tateia os troncos das figueiras, uma a uma: estuda os ramos, verga-os, concentrado. Para enfim, descalço, sôbre as raízes duma, contorcidas. Tira a corda que escondia sob a túnica, vai a passá-la a uma braçada, hesita, como se ouvisse no ar morto alguma voz. Nada bole. Só o figueiral, agora, incensa mais, — como um turibulo místico na noite. Muito a medo, inquietamente, espreita. Tem a face limada de martirio. Súbito, como um perfume se faz corpo, a Sombra de Jesus aflora o chão. É vaga, — como uma imagem do vento feita em nuvens. Tem as mãos trespassadas e sangrentas, a Face ainda envolta em bandeletas, donde filtra o olhar, amorosissimo, caindo como um eco de soluço; os pés, — de luar ferido, mal pisando.

JUDAS, devagarinho.

Tu, Senhor! . . .

Nem as figueiras ouvem. É um ondear de
almas no silêncio.

A SOMBRA DE JESUS

Venho trazer-te o beijo que me deste.

JUDAS, com espanto e êxtase.

... Quem levantou a pedra do sepulcro?

A SOMBRA DE JESUS

Já três dias passaram sobre a morte: e tudo se
cumpriu como me ouviste. O Filho do Homem res-
surgiu, — e fala-te. Venho trazer-te o beijo que
me deste.

JUDAS

O beijo que te dei?... (Mostrando a corda)
Olha... É o que eu posso fazer. Não posso mais.
Ha três dias, numa torre cega, emparedado em
mim, que eu agonizo. (Pende para Ele como exangue.)
E é a mim que tu vens? Pois é a mim?... Já Ma-
ria te viu? Algum dos Doze?...

A SOMBRA DE JESUS

Dos Doze és para mim o mais amado.

JUDAS, com desespero.

Não posso ouvir, Senhor: não *devo* ouvir.

A SOMBRA DE JESUS

Dos Doze és para mim o mais amado.

JUDAS, com lágrimas rolando-
-lhe, num sópro.

Endoideceste na morte, no martírio. Foi na Cruz, e foi por minha culpa. Eu sou Judas, Mestre, o que traiu; o que, por trinta dinheiros, te vendeu; e em Gethesemani te foi beijar, para que caíssem sobre ti e te prendessem. Eu trouxe-me em mim mesmo sem saber: como um ninho de víboras, oculto. Não sabia que era assim, e sou assim: mas tu sabias, Mestre, tu disseste . . .

A SOMBRA DE JESUS

E que fôra, sem ti, o meu destino? Como iriam cumprir-se as Escrituras? Pensas que a esta hora, na ravina, o cedro que deu corpo para a Cruz se mirra de remorso, decepado? Tu foste tão culpado como o cedro. E ninguém sofreu tanto como tu.

JUDAS

Os Teus pés trespassados... Tuas mãos... Oiço mais que a tua bôca, a bôca deles. Fui eu, só eu que te crucifiquei. Fui aos Príncipes dos Sacerdotes, e lhes disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entrego? E recebi trinta dinheiros nesse instante: e desde então, sem sono, sem fadiga, busquei a hora melhor para entregar-te: e os guiei pela calada ao Horto...

A SOMBRA DE JESUS

Escuta: eu sei melhor, melhor que tu. «*Em verdade, um de vós me há-de entregar*», disse eu ao fim da ceia: — e tu ouviste. Todos ouviram, todos duvidavam: olhavam-se uns aos outros, sem saber. De quem falava eu tão tristemente, com o espírito

turbado, olhando em mim? João tinha a cabeça em meu regaço. E disse-me: Senhor, pois quem é êsse? E eu respondi: *Aquele a quem eu der o bocado, depois de o molhar: E dei o bocado, depois de o molhar, a ti, Judas Iskarioth, filho de Simão.* E depois do bocado, logo a perdição entrou em ti. E eu disse-te ainda: *O que tens de fazer, fá-lo depressa.* Nenhum dos do cenáculo entendeu. Tu saíste sem ver: era já noite. Ias como a semente vai no vento: como um perfume de lírios num tufão. Não vês qual era a Mão que te empurrava?... — Foste ter com os Sacerdotes e os Anciões: e fizeste o que tinhas de fazer. Da outra banda do Cedron, no jardim lúgubre, o vento, como os Onze, dormitava. Eu, triste até à morte, ajoelhara: o Espírito pronto e a carne inquieta. E orava a meu Pai, suava sangue, quando à luz dos archotes que irrompera, entre reflexos de armas, eu te vi... E vieste p'ra mim: e me beijaste. «Salvé, Rabi», disseste: e me beijaste. E mudou de rumo a tua alma. E começou o teu martírio nesse instante.

JUDAS

Rabi: és a verdade... és a verdade...

A SOMBRA DE JESUS

E começou o teu martírio nesse instante. Foste ter com os Príncipes dos Sacerdotes, — ainda a manhã vinha rompendo. E entregaste o dinheiro que te deram: as trinta moedas de prata que queimavam. «*Entreguei sangue inocente*», lhes disseste: «*pequei*»: mas elles responderam: «Que nos importa isso a nós?» E nem te olharam. E uma grande loucura te tomou: a loucura amorosa de salvar-me. E foi a tua alma o eco da minha. Quanto sofri, foi um soluço nela. E depois de cumprires as Escrituras, lutaste contra elas por amor. Engendraste sedições dentro de ti. E querias dar-me fuga no caminho: quando eu ia a caminho do Calvário. E não tinhas ninguém a quem te unir. Os mais vis que eu curara, repeliam-te. Tapavam os olhos com os andrajos, se chegavas. Ninguém na terra foi mais só que tu. Como um sonho de véspera de bodas, sonhaste ser também crucificado. Para lavar-te a alma, nem o mar. E querias ser tão puro como os lírios. E morto de tristeza, viste a Morte, a enjeitar-te também, com horror de ti. Mais que na de Maria de Magdála, ecoou na tua carne o meu suplicio. Tiveste as minhas convul-

a Cruz, e abriu de dor, e se escoou em sangue. O vinagre que eu bebi, era em ti choro: a púrpura do escárnio, — labareda. Não me traíste, não: serviste o Pai: e ninguém tão humildemente como tu. A tua baixeza é a tua altura. Por ela, o figueiral incensa mais. — Não sentes? Está a ungir-te com perfumes, como Maria, em Betânia, me ungiu com nardo puro para o túmulo. Os lábios das minhas feridas vem falar-te: vem dizer-te baixinho neste instante: — Dos Doze és para mim o mais amado.

JUDAS, num sópro, o coração partido.

Oh! Oh! Senhor...

A SOMBRA DE JESUS

Venho trazer-te o beijo que me deste. (Beija-o.) Assim foi pago. Chegou p'ra ti a hora. Vou deixar-te. Viste nos olhos, o destino: é o que te resta. Bemdita a figueira que escolheste... a corda que seguras...

Some-se a Voz e a Sombra de Jesus. Judas olha a figueira com enleio, como se visse nela

a sua noiva. Dum gesto certo, passa a corda; faz o nó sorrindo; enfia o pescoço em beatitude, como se fôsse uma janela para além; e cingido enfim ao seu destino, com a alma nupcial, — enforca-se. A figueira estremece, num espasmo. Caem frutos no chão. E tudo escuta. Vai-se escoando a noite ainda mais lento.



ÍNDICE

D. João para mim	9
Acto I	15
Acto II	69
Acto III	121
Acto IV	179

Judas	217
-----------------	-----